



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



“Cabeça de Negro”: Uma experiência de produção de imagens pós-indiciais de sujeitos escravizados descritos em jornais do século XIX¹

Carolina Dantas de Figueiredo²
Felipe Araújo da Silva³
Ikaro Wesley Silva de Sousa⁴
Ivan da Costa Alecrim Neto⁵
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

A falta de registros visuais de pessoas negras escravizadas no século XIX reflete tanto limitações técnicas quanto um apagamento histórico desses sujeitos. Partindo de tal percepção, utilizando anúncios de jornais do século XIX estudados por Freyre, coletamos dados para a criação de imagens pós-indiciais através de inteligência artificial (IA) de pessoas escravizadas. O presente artigo faz parte do projeto de pesquisa/ PIBIC “Revelando Faces Esquecidas”. Aqui realizou-se um experimento para retratar Manoel, um homem adulto, utilizando-se a plataforma Leonardo.AI.

PALAVRAS-CHAVE: escravidão; fotografia; inteligência artificial; imagem pós-indicial.

INTRODUÇÃO

A época da escravidão no Brasil é marcada pelo colonialismo que massacrou aos povos negros, que foram forçados a sair da África, sendo colocados para trabalhar em situações adversas e até desumanas do outro lado do mundo. Este massacre traz consigo a violência cometida pelos que se diziam donas de seus corpos, os batendo e torturando, quando não os obedeciam, está dor se manifestou na perda de suas identidades, suas culturas e vidas foram apagadas.

¹ Trabalho apresentado no GT-1 “Fotografia documental”.

² Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco (DCOM/UFPE), e-mail: carolina.figueiredo@ufpe.br

³ Estudante de Graduação 6º. Semestre do Curso de Rádio, TV e Internet do DCOM/UFPE, e-mail: felipe.asilva@ufpe.br

⁴ Estudante de Graduação 6º. Semestre do Curso de Rádio, TV e Internet do DCOM/UFPE, e-mail: ikaro.silva@ufpe.br

⁵ Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM/UFPE), e-mail: ivan.alecim@ufpe.br



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Mesmo este texto tendo seu foco no século XIX, é inegável que esta situação se manifesta pela colonialidade do poder descrita por Aníbal Quijano (2005) nos tempos atuais. Quijano argumenta que o colonialismo não terminou com a independência dos países latino-americanos e africanos. Em vez disso, ele transformou-se e continuou a influenciar as sociedades por meio de uma "colonialidade" que persiste na forma como o poder é organizado e exercido, isto pode ser visto em casos de violência policial onde a maior parte dos agredidos por essas figuras de poder são pessoas negras em sua maioria homens.

Já quando se fala sobre essa perpetuação da memória, cultura, história e identidade desses sujeitos escravizados entende-se uma exclusão e até apagamento desses corpos. Também entendemos que os recursos para produção de imagens e pinturas eram menores, caros e mais limitados para a época, trazendo assim uma sub-representação dos corpos escravizados no Brasil, mesmo com os altos custos e dificuldades de produção.

É interessante notar o número de registro em pinturas de agressões cometido para com corpos de homens negros feitas por artistas viajantes em expedições como Debret. São poucas as imagens feitas de homens negros em posição de poder, a mais conhecida, seria de José do Patrocínio, abolicionista do século XIX, mas não só de pessoas ocupando esses espaço, é possível perceber uma enorme lacuna de produções de imagens que dessem referência do tamanho da população negra no Brasil neste período, o que nos mostra um início do que poderia ser a eugenia do século seguinte, baseado no enorme número de pessoas negras da época dentro do país, apontando a desigualdade econômica e social que existe até hoje e também o desejo de apagamento das histórias de pessoas negras da vida social brasileira.

Contudo, se olharmos por outro segmento além da fotografia e partir para os documentos que retratam as pessoas escravizadas do século XIX, é possível encontrar registros que os detalham com características. Gilberto Freyre nota a lacuna de fontes historiográficas que descrevem homens e mulheres, buscando nos anúncios de jornais uma fonte de busca por descrições de personalidade, formas de corpos, se eram fugidos ou colocados à venda como “escravos” no



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Brasil. Com base nesse levantamento de Freyre extraímos a descrição de um homem identificado como Manoel como exemplo para a produção de imagens pós-indiciais com o uso de inteligência artificial com o foco em idealizar representações visuais dos sujeitos escravizados descritos por Freyre e outras fontes.

Procura-se trabalhar com o conceito de fotografia pós-indicial ou promptografia idealizado pelo pesquisador Alecrim Neto em sua dissertação (2024), para avançar no uso das inteligências artificiais generativas de imagem na historiografia e na comunicação social como forma de trazer imagens que deem visualidade às pessoas descritas, rompendo com o eugenismo instalado nelas por séculos. Consequentemente, operando pela inteligência generativa Leonardo.AI, produzimos uma versão pós-indicial possível da imagem de Manoel como descrito nos anúncios de jornal transcrito por Freyre que retratam os nomes típicos utilizados em pessoas escravizadas. Concluimos que a imagem concebida não representa o real, à materialidade há muito perca do que realmente seria sujeito representado. Refere-se mais a um questionamento, sobre o uso de IA na confecção de imagens e os seus possíveis futuros e utilizações.

PRODUÇÃO DE IMAGEM E MEMÓRIA

Desde tempos imemoriais, a humanidade cultiva o desejo de preservar suas memórias e, de modo mais específico, representar visualmente pessoas e acontecimentos. Ao evocarmos imagens do passado, é comum que nosso imaginário, em vez de recorrer diretamente à fotografia, nos remete às majestosas pinturas de heróis, reis e rainhas do Velho Mundo. Essas imagens, fruto de um processo histórico de colonização cultural, não apenas retratam as feições dos indivíduos ali representados, mas também evidenciam sua posição social, gostos, e interesses. São, sem sombra de dúvidas, instrumentos de poder e dominação.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



A pintura, enquanto meio de representação indicial, desempenhava um papel similar ao de um cartão de visita, expressando status e influência. Um exemplo célebre desse fenômeno é o relato de que Dom Pedro II se encantou por sua futura esposa, Teresa Cristina, a partir de retratos pintados dela, antes mesmo de conhecê-la pessoalmente. Esse fato ilustra a confiança depositada nas imagens realistas da época, as quais procuravam reproduzir com precisão os traços do objeto ou pessoa retratada. Com a introdução e popularização da fotografia ainda no século XIX, essa confiança nas imagens geradas por dispositivos sócio-técnicos, como a câmera fotográfica, não apenas se manteve, como também se intensificou. Nesse contexto, é relevante destacar a obra de importantes fotógrafos da época, como Marc Ferrez (1843-1923) e José Ferreira Guimarães (1841-1924), cujas fotografias documentaram um Brasil em transição e ajudaram a compor o imaginário visual daquele período.

As imagens, sejam pictóricas ou fotográficas, oferecem às pessoas a oportunidade de reconhecer seus traços, suas histórias e suas origens. Elas permitem remontar as lutas e os rostos daqueles que as antecederam, deixando vestígios que, para nós, são o mais próximo de uma forma de eternidade. Hoje, tais imagens estão preservadas em museus, coleções de arte e livros didáticos, assegurando que pessoas e narrativas históricas sejam acessadas e lembradas pelas gerações presentes e futuras.

Entretanto, é crucial reconhecer que tanto a pintura quanto a fotografia, sobretudo em seus primórdios, eram expressões de poder atreladas a privilégios de classe e posição social. Dessa forma, a vasta maioria das imagens que dispomos hoje representa exclusivamente a vida de pessoas consideradas relevantes em seus contextos históricos. Por outro lado, os indivíduos marginalizados ou pertencentes a grupos subalternizados, muitas vezes identificados por Julia Kristeva (1982) como “corpos abjetos”, só apareciam em imagens como curiosidades exóticas, em registros médicos, policiais, ou ainda em fotografias etnográficas, que frequentemente reforçavam estereótipos desumanizantes.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Ao considerarmos o século XIX e o Brasil Imperial, é evidente como esses registros visuais desumanizadores se aplicam às populações escravizadas. Essas pessoas, que constituíam uma parcela significativa da sociedade brasileira, foram retratadas de maneira a reafirmar sua condição de subjugação e inferioridade. Assim, as imagens, ao mesmo tempo em que eternizaram a elite, silenciavam e marginalizavam aqueles cujas vidas não se alinhavam aos interesses da classe dominante. Por isso [...] é importante colocar que o vínculo certamente influi na produção do registro, subordinando-o de alguma forma aos objetivos do empregador ou contratante. Nas situações em que se constata uma subordinação da produção do fotógrafo, deve-se considerar a posição do contratante, seus interesses e comprometimentos políticos ou sociais,[...] LISSOVSKY; BRANDÃO; LOBO, 1982). Tratando-se especificamente dos homens negros. Durante todo período colonial e imperial as imagens que prevaleciam sobre homens negros estavam fortemente associadas à violência e à desumanização. Efetivamente este padrão se repete até os dias atuais, mas para a finalidade deste artigo trataremos da colônia até o século XIX, momento em que Freyre concentra a sua coleta. De modo geral, a prática de abusos físicos era amplamente documentada, e o tratamento cruel dos escravizados era aceito como parte normal da sociedade da época. Esse processo de desumanização dos corpos negros sustentava o sistema, que tratava esses indivíduos como meros instrumentos de trabalho e punição.

Dentre as formas mais frequentes de punição, destacavam-se o açoitamento público e o chicoteamento no calabouço. O açoitamento público era reservado para os escravizados que haviam sido julgados e condenados, enquanto o chicoteamento no calabouço substituiu o castigo privado. Segundo Flora Thompson-Deveaux, em seu artigo “Nota sobre o Calabouço” (Revista Piauí, 2018), os senhores de escravos tinham que pagar pelos serviços de punição, que incluíam não apenas os açoites, mas também a alimentação e o tratamento médico dos escravizados. Muitas vezes, a carga de chibatadas era tão severa que resultava em mortes, seja no calabouço ou posteriormente, devido aos ferimentos.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Havia casos em que os senhores de escravos utilizavam o calabouço como um meio de se desfazer de escravizados considerados problemáticos ou difíceis de vender. Eles deixavam de pagar pelos cuidados necessários, abandonando-os à própria sorte dentro do sistema prisional. Esse tipo de tratamento reforçava ainda mais a visão dos homens negros como seres desprovidos de valor humano, cuja única função era servir e suportar castigos.

Essas representações violentas e desumanizadoras moldaram o imaginário social da época, perpetuando estereótipos que justificavam a opressão e a subjugação de pessoas negras. Ao longo do tempo, essas imagens de brutalidade e castigo ficaram gravadas na memória histórica, contribuindo para a marginalização contínua dos descendentes dessas vítimas.

Imagem 1 - *Feitours corrigeant des negres* de Jean-Baptiste Debret



Fonte: Biblioteca Nacional do Brasil (reprodução).

Embora estudos recentes, como os de Prado (2016), apontam que a obra de Debret ultrapassa a curiosidade e o exotismo, incorporando também uma dimensão de denúncia, é importante observar que o pintor, apesar de influenciado pelo pensamento iluminista francês – precursor da luta abolicionista



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS

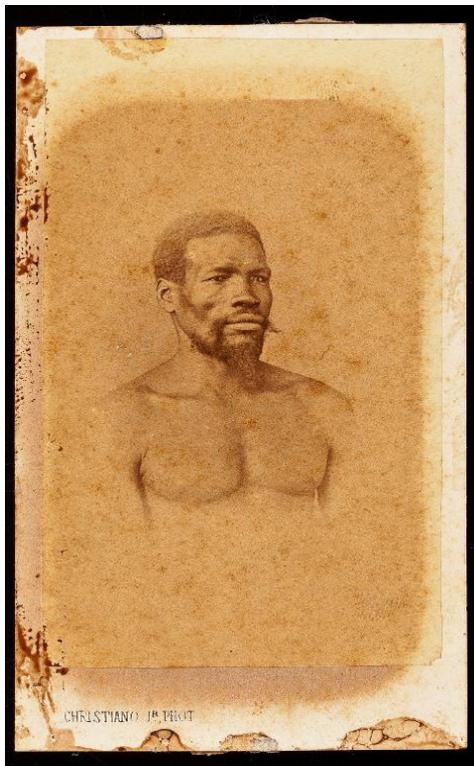


– retrata escravizados de forma genérica, mais como tipos sociais do que indivíduos com identidades próprias. Essas representações anônimas reforçam a desumanização das pessoas escravizadas, reduzindo-as a meros objetos de observação.

Além disso, a obra de Debret não apenas omite a identidade dos retratados, mas também participa de uma narrativa visual que exorta a violência e a posse sobre os corpos negros. Esses escravizados eram vistos e retratados como propriedade, e suas representações muitas vezes normalizavam a brutalidade a que eram submetidos. Os corpos, ao serem retratados de forma genérica, sem rosto ou história, se tornaram símbolos da dominação, reforçando o controle físico e psicológico exercido sobre eles. Nesse sentido, as pinturas de Debret podem ser lidas como reflexos de uma sociedade que legitimava tanto a violência sistemática quanto a posse total sobre os corpos negros, sublinhando a condição de mercadoria imposta a essas pessoas.

O argumento central que orienta nossa pesquisa, de caráter sensível, é que os sujeitos escravizados eram retratados de maneira profundamente objetificada, especialmente dentro de um viés etnográfico. Nossa investigação busca problematizar a forma como esses corpos eram representados, questionando o papel das imagens no reforço de estigmas e na perpetuação da desumanização dessas pessoas. Ao analisar essas representações visuais, pretendemos compreender de que maneira esses corpos eram desprovidos de individualidade e dignidade, sendo reduzidos a meros objetos de estudo ou propriedade. Esse debate é crucial para repensar as narrativas visuais históricas e reavaliar a construção da imagem do corpo negro no Brasil escravocrata.

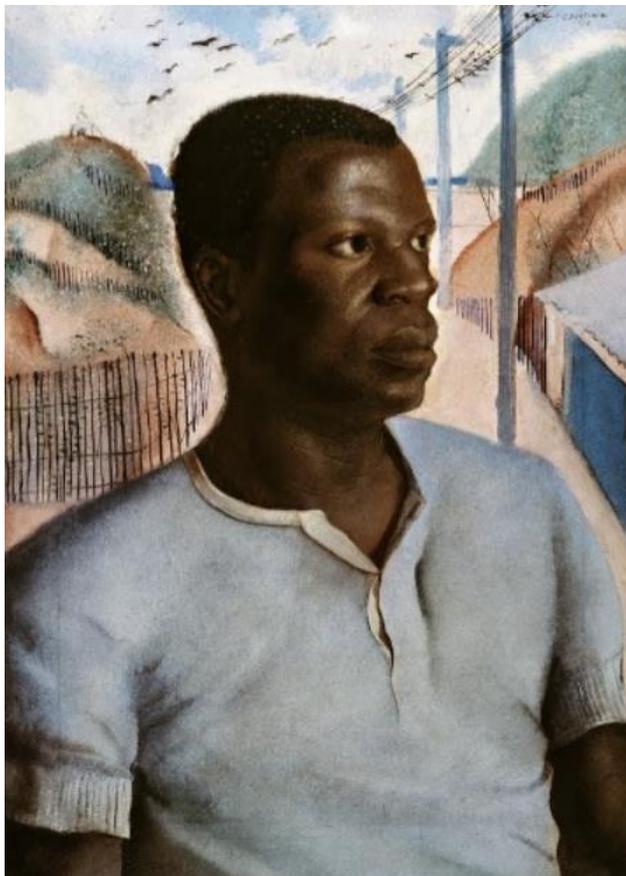
Imagem 2 - Escravo Cabinda por José Christiano Júnior



Fonte: Brasiliana Fotografia (reprodução)

O ponto que sustentamos aqui é que, no período em que seria possível produzir imagens de sujeitos escravizados diretamente a partir de sua presença física, isso não foi feito. Há exceções em termos de registro, como na obra do fotógrafo José Christiano Júnior (Imagem 2). Algumas de suas imagens, o fotógrafo indica a origem ou profissão do sujeito fotografado, mas nunca seus nomes ou história pessoal. Assim como em Debret, a intenção era mais representar os tipos e costumes dos sujeitos escravizados do que as suas identidades. A esses indivíduos, os negros escravizados, não foi concedido o status de sujeitos, e, como consequência, suas vivências, rostos e vidas foram intencionalmente apagados. Isso também se aplica à lógica por trás da imagem acima (Imagem 2). Mesmo quando uma imagem indicial, como a fotografia, foi produzida, o nome do homem retratado não foi preservado; o que se manteve foi a função, sua postura submissa e o lugar de servidão.

Imagem 3 - Pintura de Portinari: Cabeça de negro



Fonte: Cabeça de Negro de Cândido Portinari (reprodução)

Ainda na primeira metade do século XX há uma tentativa de se reescrever ou antes recuperar a história do Brasil através da arte. No modernismo há certo mergulho nas raízes étnicas do país que parte, entre outras coisas, de colocar pessoas de origem negra e indígena no centro da construção das narrativas sobre o Brasil. Neste sentido, é relevante mencionar a obra “Cabeça de Negro”, de Cândido Portinari (Imagem 3). Nessa pintura, o artista retrata um homem negro com uma expressão séria e contemplativa, olhando para o lado. A simplicidade de suas vestes e o cenário de fundo, composto por morros, cercas e postes de eletricidade, remetem a um ambiente rural ou de subúrbio, sugerindo um contexto cotidiano. A cena em que o homem se insere, embora novamente não saibamos quem ele é ou se de fato existiu, é mais humanizante do que a



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



obra de José Christiano Júnior por criar ao menos um cenário para a existência desse homem.

Portinari, conhecido por dar protagonismo a figuras populares e marginalizadas, apresenta neste trabalho uma abordagem respeitosa, evidenciando a importância de se reconhecer o contexto no qual o sujeito retratado se insere. Essa representação, já apresenta um distanciamento dos estereótipos e imagens de servidão que marcaram o Brasil colonial, ainda que o sujeito retratado permaneça na condição de tipo ideal ou alegoria, como também aparece na obra de Debret (Imagem 1).

As pinturas de Debret e Portinari são, embora bastante diferentes entre si, essenciais para a construção do argumento central desta pesquisa, a saber: a imagem, ainda que tenha entrado para a história como documento e que isso seja legítimo, pode ter sua produção descolada do índice. Isto é, ao contrário da fotografia do Escravo Cabinda por Christiano Júnior, na qual sabemos que fotógrafo e fotografado estiveram frente à frente, nos casos de Debret e Portinari não sabemos nem se os sujeitos representados existiram ou se foram imaginados pelos pintores a partir da observação de múltiplos contextos e sujeitos, aí sim, reais, cuja existência nos escapa. Em síntese o que dizemos aqui é que, qualquer imagem que prescinde no índice para ser produzida rompe com a noção de *spectrum* barthesiana que estabelece presença e testemunho diante do objeto fotografado.

Ao afirmarmos que a imagem prescinde de índice para ser documental (outrossim as pinturas de Debret não seriam reproduzidas em livros de história) abrimos a possibilidade de que as imagens produzidas por inteligência artificial, que denominamos aqui imagens pós-indiciais, possam servir para preencher lacunas históricas, como o que fazemos aqui com a imagem do escravo Manoel que, segundo consta em anúncio de jornal (documento que originará a imagem produzida) existiu efetivamente. Sobre as inteligências artificiais temos que,

Assim, de imediato rompemos com o tabu do indicial, que é uma das questões com as quais nos defrontamos quando tratamos de produção de imagens por inteligências artificiais. Essas imagens não são fotográficas.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Embora busquem o hiper-realismo da fotografia, elas não são fotográficas justamente porque a foto pressupõe a presença do índice. Isto é, o pequeno simulacro que será representado (Barthes, 1980), reflete a luz na direção do aparato tecnológico o qual tem como finalidade decodificar o código luminoso em uma imagem fotográfica. É o estatuto de presencialidade e testemunho. Já em seu turno, a imagem pós-indicial é construída segundo Beiguelman (2024):

As inteligências artificiais são sistemas computacionais capazes, a partir de modelos treinados com grandes quantidades de dados - (...) são milhões de imagens que perfazem esses conjuntos de dados - (...) de resultar em tecnologias que não só executam tarefas, mas são capazes de tomar decisões diante de dados inéditos⁶.

Neste sentido, nosso papel enquanto pesquisadores é o de buscar entender como poderíamos hoje, com a evolução das inteligências generativas de imagem, produzir imagens de caráter pós-indicial (sem a materialidade imediata daquilo que se registra) para “ver” algumas das pessoas que foram escravizadas, respeitando suas características físicas e gostos, habilidades e crenças.

Como dito anteriormente, partimos então do livro de Gilberto Freyre “O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX” para buscar descrições de sujeitos escravizados de modo a coletar subsídios para a produção de imagens pós-iniciais que humanizem ou no mínimo contextualizam essas pessoas, em movimento análogo ao de Portinari em “Cabeça de Negro”, entendendo, contudo, que as descrições dos anúncios são limitadas e têm o viés dos interesses dos anunciantes e não dos sujeitos descritos.

Freyre destaca que os escravos eram descritos nos anúncios com base em uma ampla gama de características, tais como origem étnica, sexo, idade, forma do corpo, temperamento e comportamento. Além disso, o autor chama a atenção para a presença de escravos fugitivos e aqueles com deficiências físicas ou

⁶ Texto adaptado a partir de fala da professora Giselle Beiguelman no programa Café Filosófico da TV Cultura.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



peculiaridades linguísticas e comportamentais. Esses anúncios oferecem, portanto, uma visão abrangente das condições e da diversidade da população escravizada no Brasil do século XIX, fornecendo uma base essencial para a compreensão do contexto social e histórico da época.

A proposta de dar rostos àqueles que foram unicamente registrados na situação de servidão representa um compromisso crucial com a narrativa de indivíduos cujas vidas foram, por muito tempo, definidas apenas pela escravidão. Este esforço visa não apenas preencher uma lacuna em termos da representação de pessoas negras no Brasil, mas também desafia a tendência histórica de reduzir essas pessoas a meras estatísticas ou registros de propriedade. Ao humanizar esses corpos tentamos proporcionar uma visão mais completa das experiências de vida desses indivíduos. A intenção é romper com a ideia de que a história dessas pessoas começa e termina na escravidão, resgatando-as do esquecimento e da invisibilidade que caracterizaram grande parte da documentação histórica a respeito do tema.

Considerando que esse artigo é parte de uma pesquisa mais ampla, trataremos aqui a imagem de apenas um desses sujeitos, Manoel. Abaixo descreveremos o processo (metodologia) através do qual elaboramos a sua imagem, apresentada mais ao final deste texto (Imagem 4). Para a produção da imagem de Manoel em particular buscamos um enquadramento e posicionamento do sujeito diante do *operator* inexistente semelhante aos de Christiano Júnior e Portinari.

METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo aqui proposto, realizamos uma breve análise de representações artísticas e fotográficas de escravos negros brasileiros. Em paralelo foi feita uma categorização das características descritas por Freyre nos anúncios de jornal coletados por ele. O terceiro passo foi a aplicação de inteligências generativas de imagem para recriar a imagem das das pessoas escravizadas descritas nos anúncios. Utilizou-se para isso a plataforma



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Leonardo.AI, uma ferramenta de inteligência artificial generativa. O Leonardo.AI, ainda em desenvolvimento, é um poderoso aplicativo focado na criação de imagens e texturas para jogos. Embora seja uma alternativa ao MidJourney e ao DALL-E 2, outras ferramentas, o Leonardo.AI se destaca por sua capacidade de processamento de dados e por estar disponível gratuitamente. Esta plataforma permite a criação de imagens e artes visuais por meio de *prompts* de comandos, o que facilita o trabalho de artistas, designers e desenvolvedores.

A amostra que utilizamos foi composta por pinturas, fotografias e documentos relacionados à escravidão, as principais delas apresentadas anteriormente neste texto. A coleta de dados incluiu também pesquisa bibliográfica e iconográfica, com o levantamento de obras de arte e fontes históricas, a partir dos anúncios de jornais do século XIX, conforme estudado por Gilberto Freyre. Técnicas de aprendizado de máquina foram utilizadas para criar representações digitais realistas das pessoas escravizadas. O estudo dos dados envolveu uma análise qualitativa das pinturas e fotografias selecionadas como referência visual e uma interpretação dos resultados das representações geradas pela inteligência artificial dos sujeitos descritos nos anúncios, neste caso de Manoel. Todos os procedimentos foram conduzidos com respeito à dignidade das pessoas envolvidas, seguindo as questões éticas do nosso tempo envolvendo negritude, mas também fotografia e inteligência artificial.

ANÁLISE E RESULTADO

"um tanto acarcunda" e de "mãos calejadas por ser meio-oficial de pedreiro" era Manoel, Congo, de 18 anos e "sem ponta de barba".

Prompt usado: Hyper-realistic image of an 18-year-old man from Congo with dark skin, showing a pronounced hunchback due to a spinal anomaly, not a forward curve. He has short, curly hair and a smooth, clean-shaven face without a beard. His muscular physique, developed from working as a bricklayer, is evident in his arms and shoulders. His hands, rough and calloused from labor, are prominently displayed to emphasize the hard work he has done. He is wearing simple, work-worn clothes made of coarse fabric. The image should focus from the waist up,



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



highlighting his strong upper body and hunchback, with special attention to his detailed hands and a serious gaze directed at the camera.

Tradução: Imagem hiper-realista de um homem de 18 anos do Congo, com pele escura, mostrando uma corcunda pronunciada devido a uma anomalia na coluna, mas não uma curvatura para a frente. Ele tem cabelo curto e encaracolado, e seu rosto é liso e bem barbeado, sem barba. Sua constituição muscular, desenvolvida pelo trabalho como pedreiro, é evidente em seus braços e ombros. Suas mãos, ásperas e calejadas pelo trabalho árduo, são destacadas para enfatizar o esforço que ele fez. Ele veste roupas simples e desgastadas, feitas de tecido grosso. A imagem deve focar da cintura para cima, destacando seu tronco forte e a corcunda, com especial atenção às suas mãos detalhadas e um olhar sério direcionado para a câmera.

As contribuições desta pesquisa abrangem diversos aspectos essenciais. Em primeiro lugar, destaca-se a importância contínua de se tratar da história e da memória das pessoas escravizadas, proporcionando uma representação digna e humanizada de suas vidas, características e experiências. Ao conferir rostos e identidades às pessoas escravizadas por meio das ferramentas de inteligência artificial, esta pesquisa visa tentar proporcionar uma visão decolonial de suas imagens, rompendo com a ideia de que suas histórias começam e terminam na escravidão.

Além disso, a pesquisa visa desconstruir narrativas redutoras que historicamente relegam as pessoas escravizadas a meras estatísticas ou registros de propriedade. Ao ampliar a compreensão sobre suas experiências e desafios, destacando sua humanidade e diversidade, busca-se promover uma visão mais inclusiva e holística da história. Neste sentido, produzimos a imagem de Manoel (Imagem 4) a seguir.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Imagem 4 - “um tanto acarcunda” e de “mãos calejadas por ser meio-oficial de pedreiro” era Manoel, Congo, de 18 anos e “sem ponta de barba”



Esse anúncio descreve Manoel, que vem do Congo, de forma detalhada, destacando tanto suas características físicas quanto sua profissão. Ele é um jovem de 18 anos, cuja postura é ligeiramente encurvada (“um tanto acarcunda”), resultado talvez de seu trabalho como meio-oficial de pedreiro. Suas mãos são calejadas, sinal claro do trabalho. Além disso, a menção de que ele “não tem



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



ponta de barba" reforça sua juventude, contrastando com a dureza de sua vida laboral. Esta imagem foi gerada a partir de um prompt de comando, caracterizando-se, portanto, como uma promptografia.

As promptografias geradas por meio da inteligência artificial, imagens pós-indiciais (Alecim Neto, 2024), têm potencial para impactar significativamente a sociedade, promovendo o reconhecimento e a valorização das contribuições e da herança cultural das pessoas escravizadas. Este aspecto contribui para uma maior conscientização e compreensão das complexidades da história e das injustiças enfrentadas por esses grupos ao longo do tempo.

A pesquisa também articula avanços na tecnologia e pesquisa em comunicação, explorando o potencial das inteligências generativas de imagem para reconstruir as características das pessoas escravizadas descritas nos anúncios. Esse avanço não apenas contribui para a área de inteligência artificial aplicada à história e à representação visual, mas também abre novas perspectivas para a investigação interdisciplinar e o uso responsável da tecnologia na preservação da memória histórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tem como objetivo resgatar a humanidade e a individualidade de pessoas escravizadas cujas vidas e histórias foram frequentemente esquecidas ou reduzidas a meras estatísticas. Utilizando a análise de anúncios de jornais do século XIX e a aplicação de tecnologias de inteligência generativa de imagem, buscamos dar rosto e voz a esses indivíduos, desafiando estereótipos arraigados e oferecendo uma visão mais completa e autêntica de suas experiências de vida.

Embora reconheçamos que este esforço é apenas um passo em direção à reparação das injustiças históricas, acreditamos que ele é crucial para a humanização desses indivíduos e para o reconhecimento de suas contribuições à sociedade. A escravidão deixou marcas profundas na sociedade brasileira, e o racismo institucional é uma herança direta desse período. Ao dar rosto e voz



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



aos escravizados, esperamos contribuir para a desconstrução desse estigma e para a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Finalmente, este trabalho destaca a importância da interdisciplinaridade na pesquisa histórica, ao combinar métodos tradicionais com novas tecnologias para obter uma compreensão mais profunda e abrangente do passado. Acreditamos que essa abordagem pode abrir novos caminhos para a pesquisa e a compreensão da história da escravidão no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALECRIM NETO, Ivan da Costa. **Fotografia de atualidades no cenário de plataformização, IA e fotojornalismo pós-indicial**: Fotojornalismo e as tensões técnicas, estéticas e deontológicas diante do atual cenário sociotécnico. 14 mar. 2024./ Acesso em 22. mar. 2024

DE LIMA BRANDÃO MAURICIO LISSOVSKY LÚCIA LAHMEYER LOBO., A. M. (ED.). **A fotografia como fonte histórica: a experiência do Cpdoc**. [s.l.] Revista Arquivo Nacional, Jan/Jun 1987. v. 2

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**
Titulo. In: CLACSO, C. L. DE C. S. (Ed.).
https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. [s.l: s.n.]. 2005

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: notas sobre a fotografia**. 9.e.d. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980. Acesso em 16. maio. 2024

BEIGUELMAN, Giselle. Inteligência Artificial, Memória, Arquivos e apagamentos. 20/05/2024. **Café Filosófico**. Programa de televisão. Disponível em: <https://www.instagram.com/gbeiguelman/>. Acesso em 22. maio. 2024.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1978, 2v. Acesso em 24. maio. 2024

KRISTEVA, Julia. **Powers of horror: an essay on abjection**. New York: Columbia UP, 1982.

PRADO, Antônio Carlos. Debret radical. **Revista Isto É**. 24/06/2016. Disponível em: <https://istoe.com.br/debret-radical/>. Acesso em 22. maio. 2024.

THOMSON-DEVEAUX, F. **Nota sobre o calabouço**. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/nota-sobre-o-calabouco/>. Acesso em: 15 agosto. 2024.